

nara roesler

tomie ohtake



tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão

m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Sua carreira como artista plástica começou na década de 1950, sob a orientação do artista japonês Keiyo Sugano. Após uma fase inicial voltada para estudos figurativos em pintura, passou a explorar o abstrato. Durante esse período, criou uma série de trabalhos conhecidos como “pinturas cegas”, em que pintava com os olhos vendados. Tal prática foi sugestão do crítico Mário Pedrosa, um dos principais teóricos do movimento neoconcreto brasileiro, enfatizando a sensibilidade e a intuição em sua prática.

Em suas pinturas de meados da década de 1970 até a década de 1980, Ohtake desenvolveu um estilo distinto e inigualável de abstração figural. As suas magníficas obras, caracterizadas por formas redondas e orgânicas que preenchem o campo visual, são executadas com sutis gradações de tonalidade e extensões monocromáticas. Com isso, ela transformou o legado do modernismo brasileiro em um dos repertórios mais eloquentes da pintura tardo-moderna das Américas. Foi durante esse período que o trabalho de Ohtake assumiu uma dimensão cósmica, impulsionando sua transição para a escultura e o espaço real.

Ao longo de sua extensa carreira, Tomie Ohtake participou de 20 bienais internacionais - incluindo seis em São Paulo, onde recebeu o Prêmio Itamaraty, além da Bienal de Veneza, Tóquio, Havana e Cuenca, entre outras. Seu portfólio inclui mais de 120 exposições individuais (em São Paulo, outras vinte capitais brasileiras e cidades como Nova York, Washington DC, Miami, Tóquio, Roma e Milão) e cerca de 400 coletivas, no Brasil e no exterior. Recebeu ainda 28 prêmios ao longo de sua vida.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Open Ended: SFMoMA's Collection – 1900 to now*, SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- 60ª Bienal de Veneza, *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*, Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Surface Work*, Victoria Miro, London, United Kingdom (2018)
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection*, Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

selected collections

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- M+, Hong Kong
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMOMA), São Francisco, EUA
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Mori Art Museum, Tokyo, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

4	primeiros trabalhos
9	pinturas cegas
13	pinturas com papéis rasgados
18	abstração orgânica
26	formas circulares
32	pinturas cósmicas
37	monocromos
42	gravuras
48	esculturas e obras públicas

primeiros trabalhos 1952–1959

As primeiras pinturas de Tomie Ohtake surgem de seu contato com o pintor japonês Keisuke Sugano, que estava de passagem pelo Brasil no início da década de 1950. Nesse momento, suas telas retratavam vistas da cidade, cenas urbanas, além dos gêneros tradicionais da natureza morta e do retrato. Em seguida, a artista passa a trilhar um caminho próximo na abstração, em que as figuras dão lugar a formas simplificadas e campos de cor. Após participar de algumas exposições, em 1957, realiza individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). No grupo de trabalhos exibidos, o público podia reconhecer um estilo estruturado e original, em que as formas geométricas que se sobrepõem na composição não sublimam as marcas dos gestos que as realizaram.

Sem título, 1957
tinta óleo sobre tela
65 x 50 cm





Sem título, 1956
tinta óleo sobre tela
73 x 59,5 cm

Sem título, 1959
tinta óleo sobre tela
97 x 77 cm





Sem título, 1959
tinta óleo sobre tela
75,5 x 95,5 cm

Sem título, 1959
tinta óleo sobre tela
74,5 x 48 cm





pinturas cegas 1959–1961

Entre 1959 e 1961, motivada pelo amigo próximo e crítico de arte Mário Pedrosa, Tomie Ohtake iniciou uma investigação sobre novos procedimentos e técnicas que a libertassem dos modos tradicionais de percepção e produção de pinturas. Ao colocar uma venda sobre seus olhos, a artista podia aplicar livremente as pinceladas sobre a superfície do quadro, criando composições abstratas que ficaram conhecidas como *Pinturas cegas*. Mesmo tendo um diálogo próximo com os principais representantes do movimento Neoconcreto em São Paulo, Ohtake sempre almejou produzir uma arte que não estivesse diretamente ligada a manifestos ou regras estilísticas vinculadas a um grupo. Enquanto trabalhava com o abstracionismo, Ohtake criou pinturas advindas de uma extensa pesquisa individual capaz de permitir a experimentação exaustiva que culminou em uma forma de abstração intuitiva e organizada.

Sem título, 1961
tinta óleo sobre tela
75 x 85 cm



Sem título, 1960
tinta óleo sobre tela
83 x 61 cm

→ [próxima página]
Sem título, 1962
tinta óleo sobre tela
60 x 120 cm





vista da exposição
Pinturas Cegas, 2013
Museu de Arte do Rio (MAR),
Rio de Janeiro, Brasil

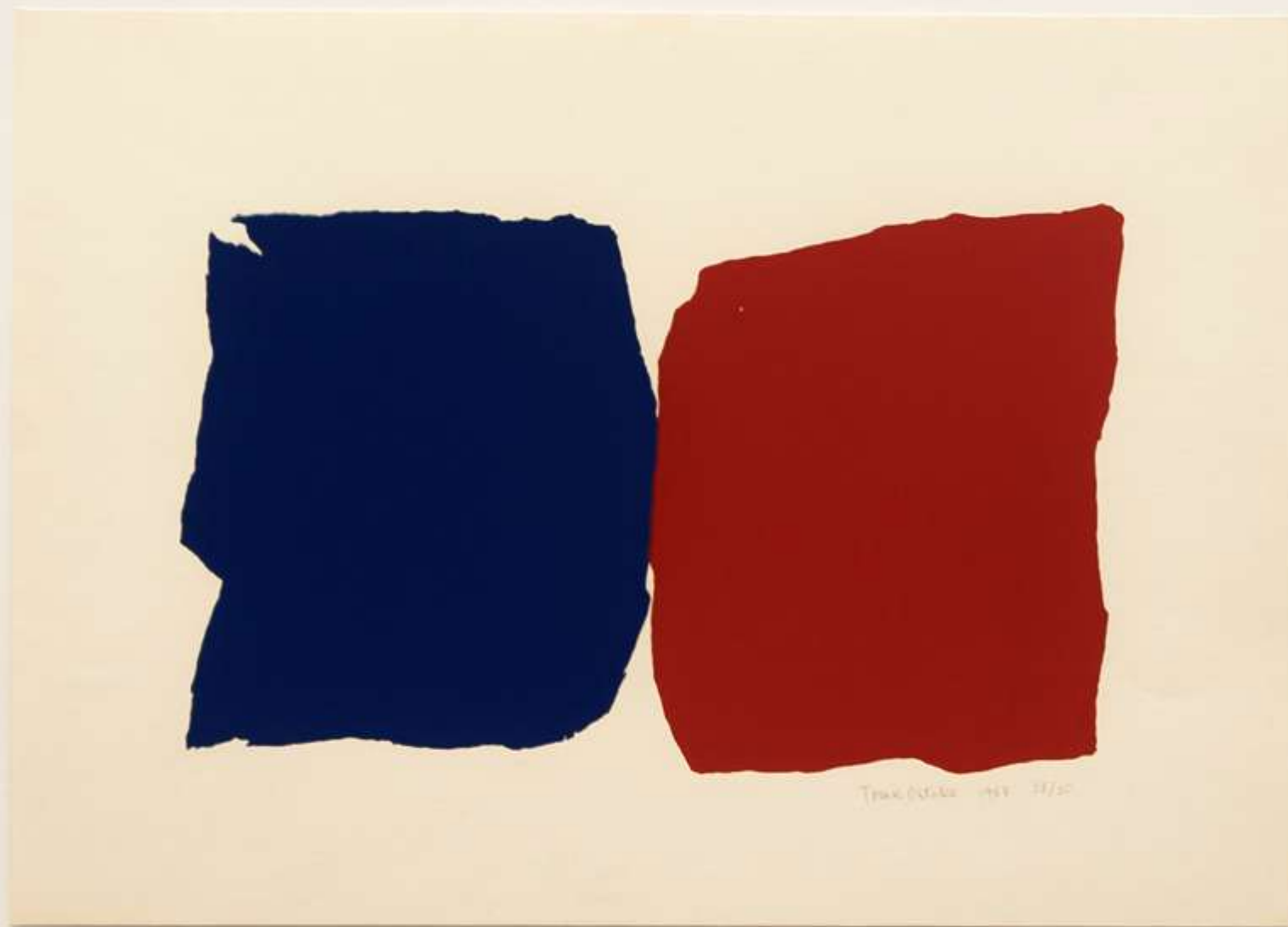
pinturas com papéis rasgados

1962–1969

No início dos anos 1960, sua produção dá outra guinada. A amplitude do gesto dos anos anteriores dá espaço a áreas de cor mais delimitada. Tomie Ohtake passa a compor seus trabalhos utilizando papéis rasgados de revistas brasileiras e japonesas. Nessas colagens de pequeno formato, ela testa as composições, definindo áreas de cor que resultarão em suas pinturas. Como a metodologia da artista se baseava no rasgo, havia algo de impreciso nas formas, assim como uma riqueza de textura pelo efeito do gesto. Nas telas, a tensão entre equilíbrio e desequilíbrio torna-se proeminente entre as formas quadrangulares, que figuram sobre amplos fundos uniformes de cor. Nesse período, a repetição torna-se uma estratégia da artista para pesquisar relação cromáticas. Mesmo que a disposição dos elementos se repita, o uso de tonalidades diferentes cria novos efeitos visuais sobre a tela.

Sem título, 1962
tinta óleo sobre tela
129 x 110 cm





Três/Quatro 1968 11/50

Sem título, 1968
serigrafia sobre papel
42,2 x 60 cm

Sem título, 1969
serigrafia sobre papel
66 x 48 cm





Sem título, 1965
tinta óleo sobre tela
120 x 100 cm

→ [próxima página]
tomie ohtake em sua casa ateliê,
década de 1980
Campo Belo, São Paulo, Brasil





abstração orgânica década de 1970

Os trabalhos feitos com papéis rasgados deram lugar, na década de 1970, a trabalhos feitos a partir de colagens em que a ferramenta principal era a tesoura. Essa mudança de instrumento permitiu realizar obras com contornos mais nítidos, devido ao maior domínio exercido pela artista sobre o resultado. Segundo o curador Paulo Miyada, essa “era uma forma de lidar com a instantaneidade do gesto e impregnar todo o processo de pintura com seu equilíbrio entre acaso e controle”. Outros pontos de destaque são a notória expansão da paleta cromática, tornada mais rica e vibrante, assim como o estabelecimento de uma relação mais direta entre a textura da pintura final e aquela apresentada nos materiais da colagem que lhe servem de base. O resultado, ainda que abstrato, não se encaixa nas definições de abstração informal, ou tachismo, em que o gesto da pintura, o rastro da mão sobre a tela, são determinantes do estilo. De fato, essas obras estão relacionadas com abstrações orgânicas, a forte presença de formas ovulares, de arcos, tubos, curvas etc. que nos sugerem paisagens.

Sem título, 1978
tinta óleo sobre tela
100 x 100 cm



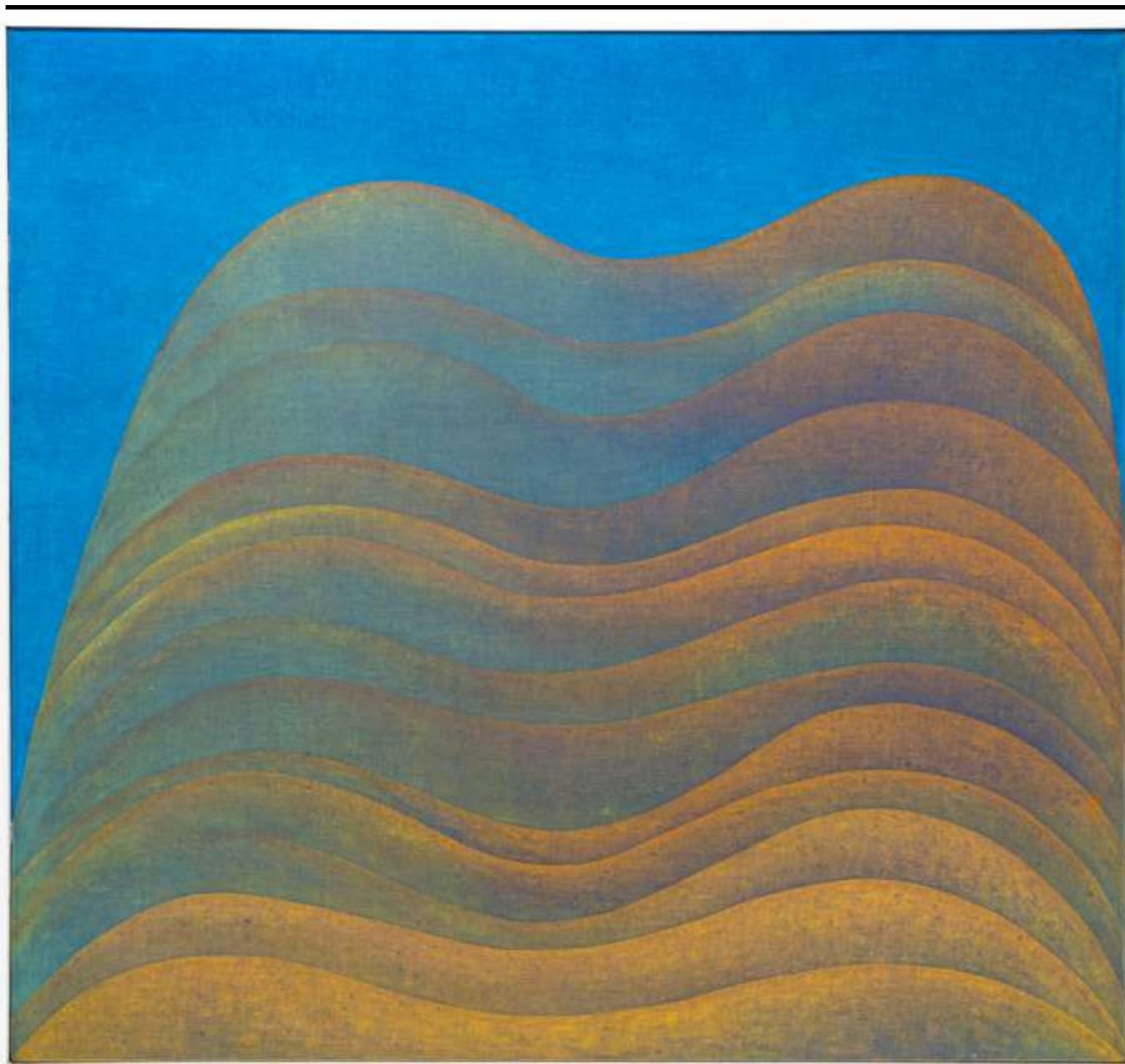
Sem título, 1979
tinta óleo sobre tela
100 x 100 cm



Sem título, 1979
tinta óleo sobre tela
150 x 150 cm



Sem título, 1976
tinta óleo sobre tela
100 x 100 cm



Sem título, 1976
tinta acrílica sobre tela
124,8 x 134,8 cm



Sem título, 1976
tinta acrílica sobre tela
100 x 100 cm



Tomie Ohtake em sua casa ateliê,
década de 1980
Campo Belo, São Paulo | SP, Brasil

→ [próxima página]
vista da exposição
*Tomie Ohtake: Nas pontas
dos dedos*, 2018
Galeria Nara Roesler,
Rio de Janeiro, Brasil



formas circulares década de 1980

Nos anos 1980, Tomie Ohtake começa a realizar uma série de composições com formas circulares sobre telas quadradas. As curvas introduzem dinâmica na composição, que tende à estabilidade pelo seu formato. Em 1983, ela introduz o uso da tinta acrílica dissolvida em água, o que possibilita a incorporação do acaso, do descontrole na criação das camadas cromáticas de suas pinturas. O caráter líquido do material permite que ele siga suas próprias direções sobre a tela, definindo sua forma, que é capaz de nos remeter ao etéreo das nuvens. Após meditar sobre os resultados obtidos, ela intervém de maneira controlada sobre o quadro. Com o pincel, ela passa a construir a composição, sem deixar de lado o imprevisível. No final da década, o gesto se torna ainda mais marcado. Sobre amplos campos de cor, eles criam a sensação de transparência e profundidade.

Sem título, 1980
tinta óleo sobre tela
69 x 68 cm





Sem título, 1980
tinta óleo sobre tela
100 x 100 cm



Sem título, 1987
tinta acrílica sobre tela
150 x 150 cm

Sem título, 1986
tinta óleo sobre tela
150 x 150 cm





Sem título, 1984
tinta acrílica sobre tela
100 x 100 cm



Sem título, 1982
tinta óleo sobre tela
50 x 50 cm



pinturas cósmicas década de 1990

O crítico e curador Frederico Moraes sintetiza esse período do trabalho de Tomie Ohtake da seguinte forma: “Para os anos 90 a metáfora é o gás: nuvens, vapores, nebulosidades, massa estelar, galáxias, corpos celestes, Via Láctea, o universo em formação. Em suas obras atuais, a curva segue preponderante: círculo galáctico, anéis e bolas de fogo, rosáceas, elipses, espirais parabólicas. Mas, enquanto nas telas de 59-62 é a mancha que comanda a estrutura, adensando a superfície em áreas, quase planos, de tonalidades que intercalam os extremos do branco e do negro, com resíduos gráficos indicando o curso do pincel e da trincha, nas telas dos anos 90, a pincelada vibrátil, mais toque que extensão, anula ou mesmo destrói a precisão da linha curva, resultando em formas que se dissipam, envoltas que estão numa matéria gasosa, nublada, nuviosa. E não por acaso, a artista substitui a opacidade corpórea do óleo pelo acrílico que favorece as transparências e veladuras.”

Sem título, 1993/1994
tinta acrílica sobre tela
200 x 170 cm



Sem título, 1994
tinta acrílica sobre tela
200 x 400 cm





Sem título, 1996
tinta acrílica sobre tela
150 x 150 cm



Sem título, 1995
tinta acrílica sobre tela
180 x 180 cm



Sem título, 1993/1995
tinta acrílica sobre tela
200 x 200 cm



Sem título, 1992
tinta acrílica sobre tela
100 x 150 cm

Os monocromos já se tornaram um gênero comum da pintura do século XX. Nos últimos anos de sua produção, Tomie Ohtake contribui com sua própria visão sobre esse tipo de composição. Inicialmente, seu interesse não estava em uma única cor. Ela utilizava variados tons, como amarelo, vermelho e azul. Contudo, no seu último ano de produção, já com 100 anos de idade, ela inova, mais uma vez, o seu processo. Segundo a curadora Carolina de Angelis, essas “São pinturas que têm uma materialidade diferente. Elas têm camadas grossas de tinta, que fazem relevos”. Outro fator interessante é que elas todas são feitas em branco. A ausência de cor deixa transparecer de modo determinante a textura da superfície que faz irromper, pela sua irregularidade, jogos de luz e sombra.





Sem título, 2014
tinta acrílica sobre tela
100 x 100 cm



Sem título, 2014
tinta acrílica sobre tela
100 x 100 cm



Sem título, 2014
tinta acrílica sobre tela
100 x 300 cm



vista da exposição

Tomie Ohtake: 100-101, 2015

Instituto Tomie Ohtake,

São Paulo, Brasil

foto © Everton Ballardín. Cortesia do
artista e da Galeria Nara Roesler.

A gravura, assim como a pintura, é um dos meios eleitos por Tomie Ohtake para a produção de imagens. Suas primeiras incursões na linguagem deram-se com a serigrafia. Esses trabalhos são um desdobramento do trabalho de pintura de Tomie Ohtake, pois a técnica permite não só a reprodutibilidade, mas a criação de zonas de cor chapadas, que se justapõem. Em 1972, ela realiza uma série de litografias, da qual alguns exemplares viriam a ser expostos na Bienal de Veneza daquele ano. Nesses trabalhos, explora as possibilidades da técnica na produção de linhas, planos, texturas e gradações tonais.

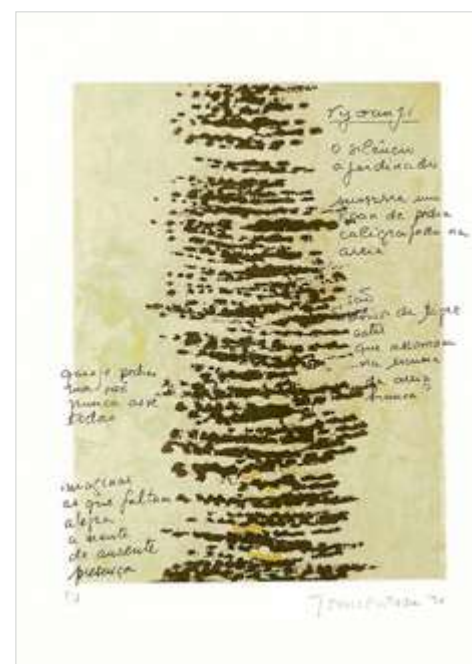
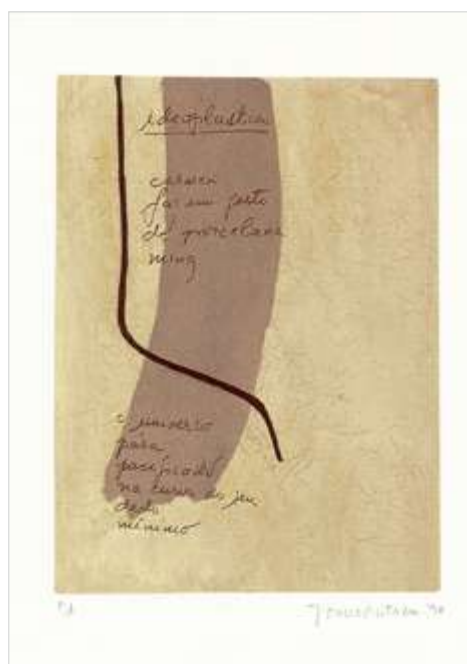


Recorte da forma # 06, 1999
gravura em metal
70 x 100 cm

Quinze anos depois, em 1987, a técnica utilizada será a da gravura em metal. Em colaboração com o impressor Claudio Vasquez, ela se debruça sobre uma das características principais da gravura, a possibilidade de múltiplas cópias. Ohtake foi capaz de realizar, naquele ano, uma série de trabalhos que foi exposta simultaneamente em dez capitais brasileiras de quatro diferentes regiões. As experimentações continuaram na década seguinte. Em 1999, a artista cria uma série de estampas das quais recorta as bordas do papel, resultando apenas na área impressa. Dispostas ligeiramente distantes da parede, entre placas de acrílico, elas adquirem volume por meio da sombra que projetam.

Yu-Gen (album), 1998
gravura em metal
53 x 38 cm em cada
produzido em colaboração
com Haroldo de Campos

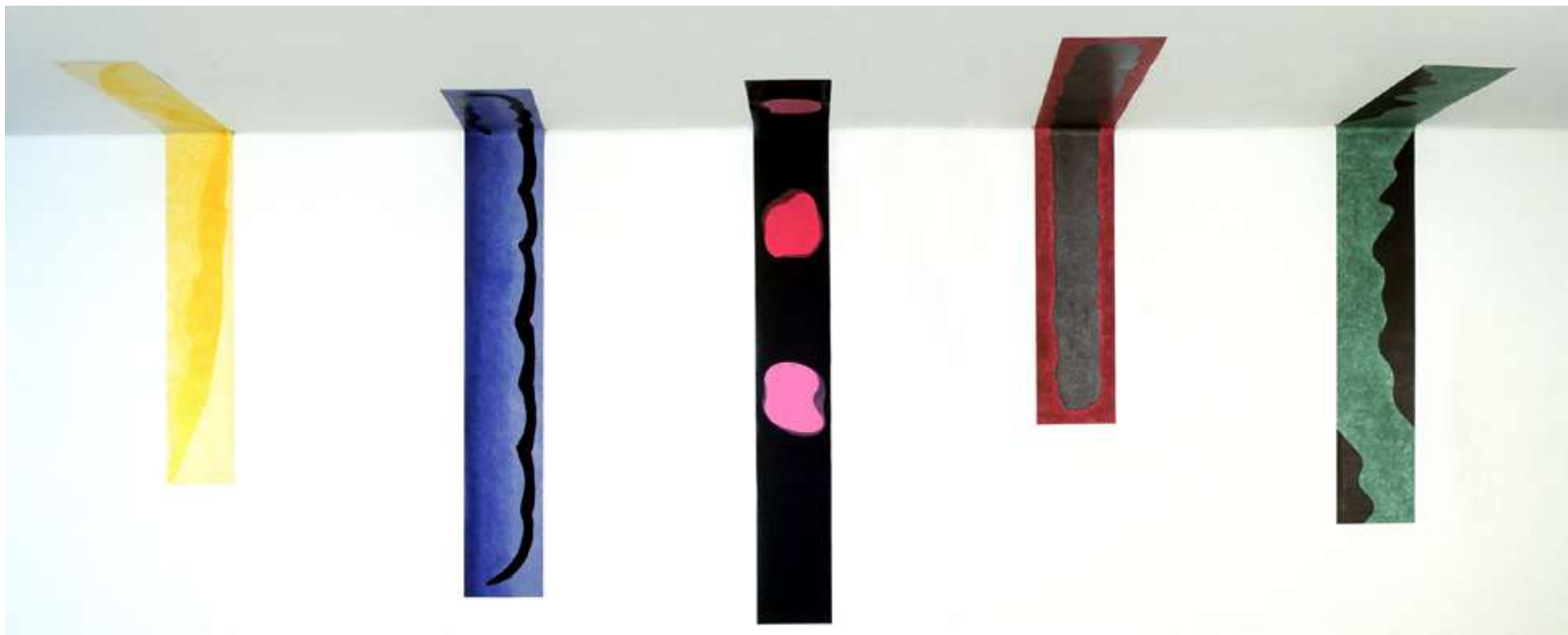




Yu-Gen (album), 1998
gravura em metal
53 x 38 cm em cada
produzido em colaboração
com Haroldo de Campos

Projeto Instituto Tomie Ohtake,
2002
gravura em metal
100 x 70 cm





Sem título, 2005
gravura em metal em cores sobre papel
sobre poliestireno
27 x 220 cm



vista da exposição
Tomie Ohtake Gráfica, 2006/2007
Instituto Tomie Ohtake,
São Paulo, Brasil,
foto © Denise Andrade. Cortesia do
artista e da Galeria Nara Roesler

esculturas e obras públicos

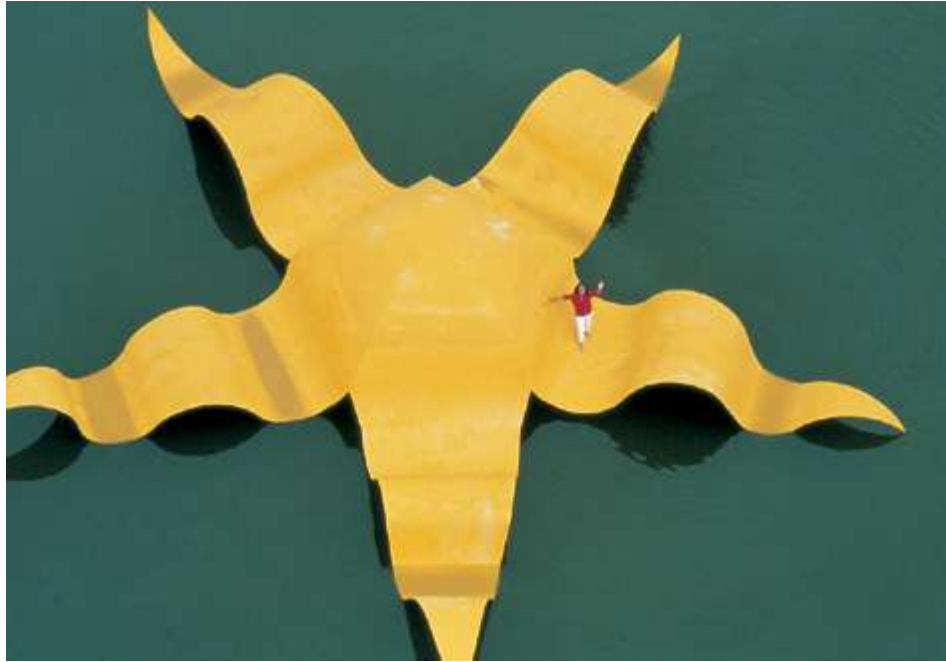
1983–2015

1983 é o ano em que Tomie Ohtake realiza seu primeiro projeto para um espaço público. Inaugura-se, nesse momento, um novo caminho para seu trabalho que correrá em paralelo à sua produção de pinturas e gravuras. Esses trabalhos, em sua maioria, possuem caráter tridimensional, mas há, também, uma considerável quantidade de murais e painéis. Os espaços para os quais foram realizados são os mais diversos: metrô, espaços culturais, auditórios, aeroportos, teatros, empresas, hotéis, praças, entre outros. Essa variedade evidencia a versatilidade do trabalho de Ohtake, capaz de se adaptar a diferentes lugares, observando suas especificidades, sem deixar de lado seu estilo.

Lagoa Rodrigo de Freitas, 1985
Rio de Janeiro, Brasil

Escultura em ferro com 20 metros de diâmetro e 17 toneladas. Executada no estaleiro Ishikawajima, que doou à cidade. Inaugurado pelo vice-prefeito e secretário de Cultura do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro.







Ladeira da Memória, 1984
São Paulo, Brasil

Ladeira da Memória, Anhangabaú, 1984, pintura na parede lateral cega de prédio, com 55 metros de altura e 22 metros de largura, epóxi na parede. Conceito da EMURB (arquiteto José Roberto Graciano) e patrocínio do Banco Nacional. Inaugurada pelo prefeito Mário Covas.





Companhia Brasileira de Metalurgia
e Mineração (CBMM) parque
industrial, 1999/2000
Araxá, Brasil

Escultura de aço, de 23 metros de comprimento, pesa 20 toneladas. Inaugurado pelo presidente da CBMM, José Alberto Camargo, pelo embaixador José Aparecido, e pelo secretário de Cultura, Angelo Oswaldo. Elaboração do projeto de Aluísio Margarido, executado por Edmundo Canedo e sua equipe, com a colaboração de Jorge Utsunomiya e Vera Fujisaki.





Sem título, 2004
perfis de aço galvanizado
e gesso cartonado
20 x 20 m

painel na parede frontal e teto
do salão principal do Auditório
Ibirapuera, São Paulo, Brasil.
Arquitetura: Oscar Niemeyer





Parque do Emissário Submarino, em Santos, 2008
Santos, Brasil

Aterro na Praia do José Menino, em Santos, 2008. A escultura em aço de 15 metros de altura foi pintada com tinta automotiva, pesa 60 toneladas. Viabilizado pela cidade de Santos com patrocínios da Cosipa / Usiminas, Gafisa e Yune Incorporadora. Executado com a colaboração de Jorge Utsunomiya e Vera Fujisake.



Memorial da América Latina, 1990
São Paulo, Brasil

Tapeçaria na parede lateral interna do Auditório, com 70 metros de largura. Projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer. Executado por Tabacow. Inaugurada pelo Governador Orestes Quéricia.

As esculturas são realizadas em aço posteriormente recoberto por uma camada de tinta sólida. O uso de planos e linhas curvas traz leveza para o material. A impressão que se tem é de que a linguagem visual da artista se expandiu para a paisagem urbana. O mesmo efeito pode ser onde a mostra é realizada, uma sinuosa linha construída com ferro tubular redesenha o espaço.

vista da exposição
XXIII Bienal Internacional de São Paulo, 1996
Special Room–Sculpture
Fundação Bienal de São Paulo
Pavilhão Cicillo Matarazzo, São Paulo, Brasil



Nos anos 2000, ela seguirá desenvolvendo esculturas, utilizando a mesma gramática formal. Em dimensões menores que suas obras públicas, essas finas estruturas levemente curvas tanto podem estar fragilmente equilibradas sobre si mesmas, dispostas sobre o chão, como podem sair do teto ou das paredes, ligando esses espaços. Esses objetos de aço pintado de branco revelam um pensamento expandido do desenho, tendo em vista a agilidade da forma, que nos faz pensar em um traço realizado instintivamente.

Sem título, 2008
tinta automotiva sobre
aço carbono tubular
190 x 250 cm

→ [próxima página]
Sem título, 2014
tinta automotiva sobre
aço carbono tubular
140 x 136 cm





Sem título, 2008
tinta automotiva sobre
aço carbono tubular
60 x 230 x 110 cm



nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo sp brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art